Vida de Louco, o caos

Deoclécio Henrique Correia

Vida de Louco, o caos

Prefácio

Este é o terceiro livro da saga destes dois loucos, José e Velho, que procuram viver em harmonia com a sociedade, a única coisa que eles precisam é um pouco de liberdade para poderem expressar tudo o que eles sentem.

Neste livro os dois desmiolados encontram dois personagens que marcaram pela personalidade nada convencional, a velha Adevilda, uma nazista sem nenhuma noção de comportamento e seu neto Zeca, um sujeito apalermado que procura viver sua vida de forma justa e mais normal possível, mas não faz ideia como.

Esses dois personagens fizeram tanto o gosto do autor que ele o repetiu no romance policial cômico: Mistério em Lago Roxo, com o indefectível detetive Lander, ali há uma honrosa menção de José e Velho, que dona Adevilda fez uma pequena homenagem nomeando alguns de seus porcos de sua criação.

Apesar do humor descompromissado, o autor faz questão de mostrar ao leitor os equívocos da qualquer ideologia, sejam elas políticas, religiosas, esportivas... todas elas servem,

segundo o autor, para quem almeja o poder, para os demais é um simples pretexto para odiar ao outro que discorde ou levar a cenas de violência ou morte, os dois loucos tentam convencer a senhora Adevilda sobre isso ao perceberem que ela é fascinada pela ideologia nazista, mas a coitada está tão envolvida neste mundo que não dá a mínima ao que os dois loucos dizem, preferindo viver na ignorância que algum ditador lhe impôs apenas para lucro próprio. Tudo isso merece alguns minutos ou dias de reflexão, depende de cada um, pois somos o tempo todo influenciados por ideologias inventadas por pessoas ambiciosas, espalhando mais o ódio por outro ser humano do que a igualdade que todas elas prometem.

Mesmo para quem não esta nem um pouco interessado neste tipo de discussão, este livro fará o leitor se divertir muito, com loucuras e piadas de morrer de rir. Bom divertimento.

Capítulo 1

José estava se tratando numa clínica psiquiátrica, perto de um tenebroso lago, já estava cansado de seus pesadelos com o Velho, e começou a desconfiar que sentia uma atração sadomasoquista pelo companheiro, isso o deixou muito preocupado e disposto a melhorar a qualquer custo, já que não queria ter filhos feios, por medo de engravidar.

Estava ele numa sala bem mobiliada, um consultório médico, o dito cujo tinha as mãos cruzadas em sua frente, do outro lado de uma grande mesa de imbuía. José estava deitado numa espreguiçadeira, ou algo parecido.

- Então José, o que você sente?

- Alguma coisa pontuda neste divã, está me machucando. - José se levanta e deixa cair seus pimpolhos no chão. - O que diabos é isso?

- O que? Pimpolhos?

- Não, o que eu estava sentado em cima.

- Então, eram pimpolhos.

- Ah. - fez para a piada morrer aí, já que não era muito boa.

- Agora me diga porque você veio até aqui?

- Não sei, me empurraram para cá, e eu entrei assim, afinal, quem é você?

- Sou o doutor Fruk, psiquiatra foragido.

- Percebi isso pelo seu sotaque, é diferente.

- É que sou de Hood, agora deixe eu ajudá-lo, eu sou psiquiatra.

- Eu sei disso, você já me disse, coitado, não confio muito no senhor, porque dizem que os psiquiatras são ainda mais loucos que seus pacientes. Por falar em azeitonas, estou me sentido mal. - colocou a mão sobre sua barriga.

- Quer vomitar?

- Não é isso, sinto que estou ficando mais civilizado, e todos querem me convencer de que isso é bom. Sinto-me mal, acho que vou morrer se não fizer algo que me instigue.

- Eu acho...

Vup! - José dá um tapa no ar e fecha a mão, olha inquisitivo para o psiquiatra. - Peguei ou não peguei?

- O que?

- Um mosca, oras!

- Não, não pegou, agora vamos voltar ao que estávamos falando...

- Vou lamber a minha mão.

- Você é louco?

- Por que acha que estou aqui?

- Não são apenas pessoas desequilibradas que estão aqui, sabia disso?

- Então eu vou embora, creio que não pode resolver o meu problema. - disse José lambendo em seguida a própria mão.

- Claro que posso, estudei para isso, afinal, qual é o teu problema? - perguntou o doutor se servindo de um pedaço de fatia de melão.

- É que eu estou tendo... me dá um pedaço deste melão? - pediu José com água na boca.

- Não!

- O meu problema são os pesadelos que eu tenho com o meu melhor amigo.

- Quem é o teu melhor amigo? Um cão?

- Não. - José riu. - Meu amigo é um velho que eu chamo de Velho. Ele nos meus sonhos sempre tenta me matar, eu acordo muito aflito e isso não faz bem para o coração, já estou me apaixonando.

- Isso é um distúrbio neurológico de...

- E está ficando cada vez pior, é assustador, o último foi o mais horrível, eu estava me casando com ele, numa igreja, por isso que vim logo, não quero dormir e saber qual será o próximo sonho, digo, pesadelo.

- Calma, mantenha a calma, não se aflija que eu tenho a solução para o teu problema.

- Já estou calmo. Agora me diga o que eu faço?

- Pílulas, isso, vou receitar um placebo, sabe o que é um placebo?

- O marido da placeba?

- Sabe ou não sabe?

- Não sei não.

- Ótimo, isso costuma funcionar quando o paciente desconhece o tratamento. Tome uma pílula destas antes, durante e depois de dormir. Entendeu? - passou-lhe um vidro cheio de comprimidos.

- Pílulas!

Que seja!

- Obrigado, doutor Fuck.

- É Fruk, doutor Fruk.

- Claro, obrigado por tentar resolver o meu problema, o

senhor seria mais gentil ainda se não cobrasse a consulta.

- Toda gentileza tem seus limites, inventei agora esta frase, o que achou?

- Eu não quero mais conversar com o senhor, está me chateando. - levantou-se do divã provocando um ruído estranho no couro, deu risadas do ruído enquanto o doutor fingia escrever alguma coisa numas folhas de papel. - Ótimo, vou embora.

- Vá com Deus!

José saí do consultório batendo a porta. Na sala de espera estava o senhor Alfredo esperando por ele, levantou-se prontamente.

- Como foi? - indagou meio preocupado.

- Nada, só preciso descansar um pouco, tirar umas férias, assim não mato mais ninguém.

- Férias? - indagou o seu Alfredo não ligando para as bobagens que José dizia por já estar acostumado. - O que é isso? - perguntou ainda se referindo ao vidro de pílulas que José tinha na mão.

- Isso? Sabe que não sei, vou deixar neste vaso antes que digam que sofro de claustrofobia. - José quis dizer cleptomania, mas o seu Alfredo não o contrariou. - Agora vamos embora para planejarmos as minhas férias.

- Você não acha que já tem tido férias demais? Até logo senhorita. - cumprimentou o senhor Alfredo a secretária do doutor.

- Adeus. - disse a moça chateada.

- Até mais, senhorita Riz. - José aproximou-se para tascar um beijo molhado na pobre moça.

- Não beije a secretária! - seu Alfredo o impede.

- Eu não consegui beijá-la!

- Olhe! Deixou-a em estado de choque.